

DA BAHIA
PARA O BRASIL
DO BRASIL
PARA O MUNDO

QUARENTA
E NOVE ANOS
UMA OBRA

MÁRIO NELSON CARVALHO

TAURINO ARAÚJO

O MERCADO DAS SETE PORTAS

"Taurino
já nasceu
grande."

ADELINO SANTOS
DE ARAÚJO

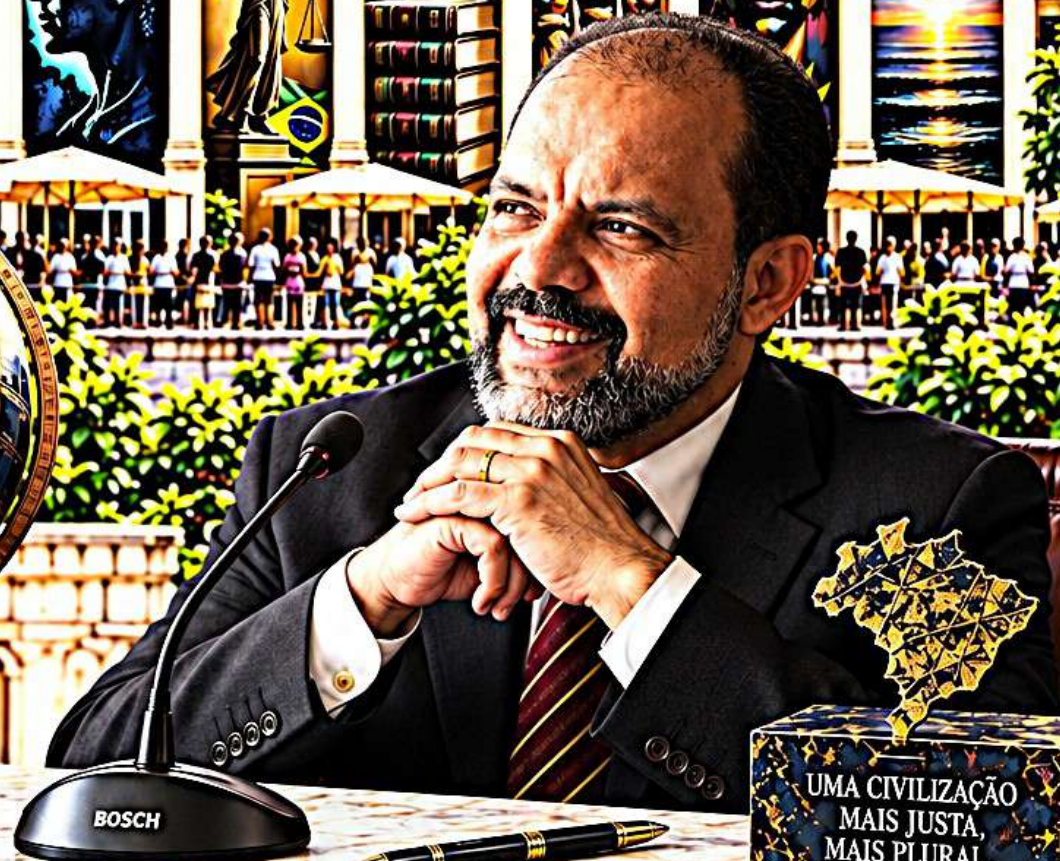
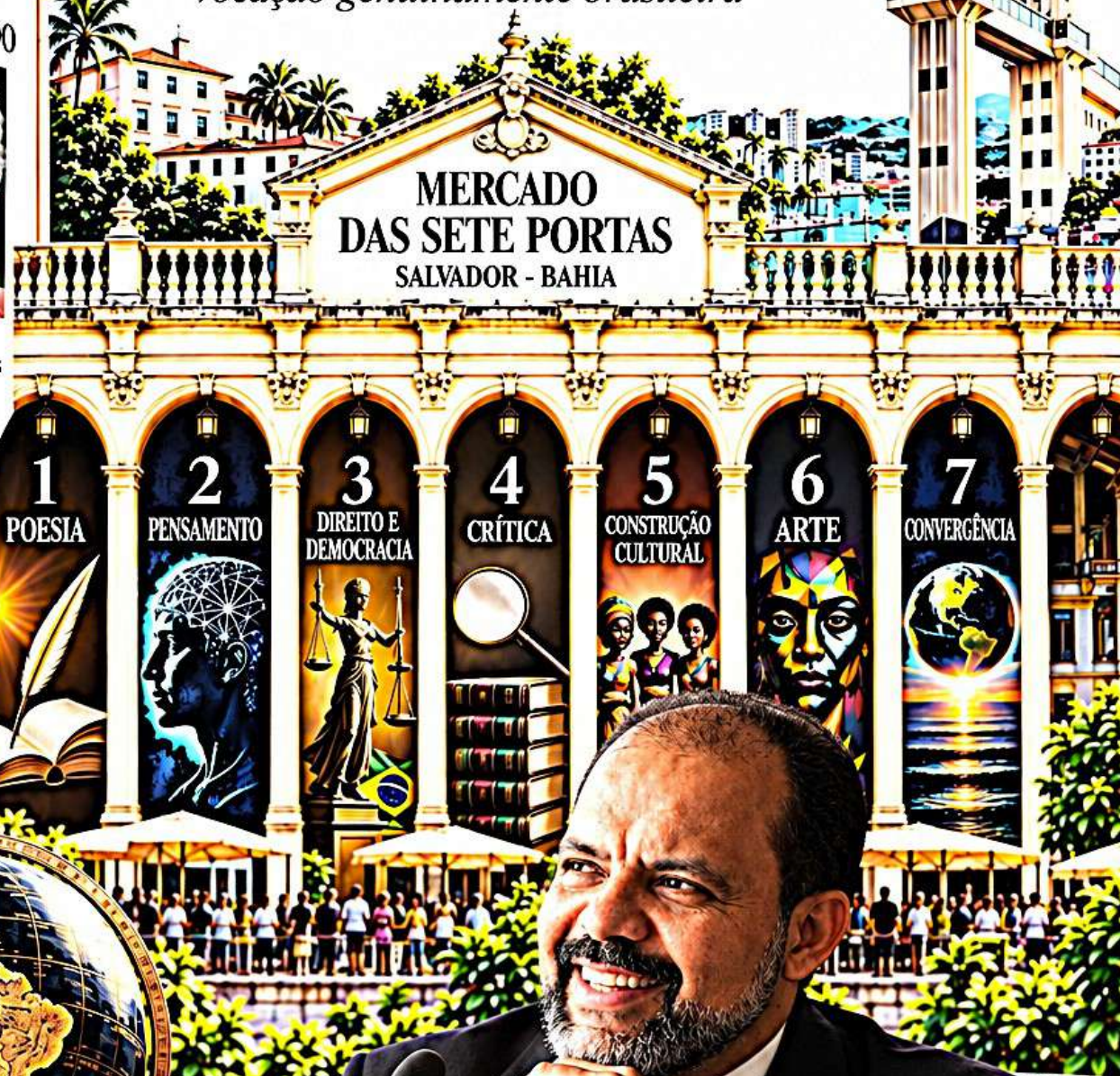
*Sete caminhos de uma eloquente
vocação genuinamente brasileira*

FUNDAÇÃO
CASA DE JORGE AMADO



Bahia: celeiro
de escritores maiores

Aleilton Fonseca
Jorge Amado
Taurino Araújo
Castro Alves
Joaci Góes...



UM ESTUDO BIOGRÁFICO E CRÍTICO

Mário Nelson Carvalho

TAURINO ARAÚJO

O MERCADO DAS SETE PORTAS

Sete caminhos de uma eloquente vocação genuinamente brasileira

1 **Taurino Araújo** (Jequié, Bahia, 25 de dezembro de 1968) é jurista e pensador brasileiro, advogado, poeta, ensaísta, crítico literário, artista visual, professor e pesquisador, Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais. Autor de *Hermenêutica da desigualdade: uma introdução às ciências jurídicas e também sociais* (Del Rey, 2019), sua *Magnum Opus* é considerada uma Epistemologia genuinamente brasileira, afora o conceito de verdade absoluta, 95 anos depois da **Semana de Arte Moderna (1922)**. Sua trajetória intelectual e artística atravessa quase cinco décadas, articulando Direito, pensamento, literatura, crítica e arte numa eloquente vocação genuinamente brasileira.

Sua produção poética percorre mais de quarenta anos e culmina em *A caterna e outros poemas — 40 anos de poesia brasileira* e, especialmente, no poema *A caterna*, ao qual **Nelson Cerqueira** dedicou tratado crítico de 48 páginas, posteriormente traduzido para o inglês.

Idealizou, apresentou, organizou e atuou como curador de *Signos em Transe: uma Fortuna Crítica sobre a Semiótica de Lícia Soares de Souza* (2025), coletânea de 62 autores de sete países e cinco idiomas, lançada na **Academia de Letras da Bahia**, com apoio acadêmico e institucional da **UNEB** e do **CNPq**.

Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira, sua produção em artes visuais, particularmente a série *Assemblage no Parque da Cidade*, possui circulação internacional e indexação em bases de autoridade mundiais, a exemplo do **Getty Research Institute**, cujo *Union List of Artist Names* — ULAN — assim o identifica. No domínio de todas essas linguagens permanece um mesmo gesto: **Taurino Araújo** agrega em assinatura única aquilo que as classificações pequenas costumam separar.

“Taurino já nasceu grande”.

Há uma imagem da tradição intelectual baiana que ajuda a compreender a grandeza de **Taurino Araújo**. Ao receber **Edvaldo Brito** na **Academia de Letras da Bahia**, **Joaci Góes** aproximou-o

de **Orlando Gomes** pelo “*paralelismo de ter o braço ligado ao cérebro*”, assinalando nos dois juristas o manejo simultâneo da teoria e da práxis.

A formulação, publicada na **Revista da Academia de Letras da Bahia, n. 58**, não autoriza confundir biografias distintas, mas oferece uma chave extraordinária para a **multitrajectoria** de **Taurino Araújo** que estas páginas procuram compreender.

Sim. A frase de **Adelino Santos de Araújo** sobre o filho adquiriu, com o tempo, inesperada precisão biográfica. Não porque a obra do homem pudesse estar pronta na criança, mas porque a escala das perguntas apareceu antes da escala dos meios disponíveis para respondê-las.

Taurino Araújo Neto nasceu em **Jequié, Bahia, em 25 de dezembro de 1968** filho de **Adelino Santos de Araújo** e **Rita Freitas de Oliveira**. A data o situa no limiar de uma geração brasileira formada sob o regime militar, amadurecida durante a abertura política e projetada intelectualmente na redemocratização.

Quando a década de 1970 começava, era criança; quando o país reencontrava a mobilização pública nos anos 1980, já fazia da palavra, da arte e da participação coletiva instrumentos de presença no mundo.

O próprio Taurino recordaria que o pai o provocava desde cedo com a pergunta “o que você acha de tudo isso” e, muitos anos depois, resumiria sua impressão naquela frase.

Por isso, em Taurino, o braço também parece jamais desligar-se do cérebro — e essa ligação atravessa campos que progressivamente ultrapassam o Direito: pensar aquilo que faz e, ao fazer e continuar pensando para tornar a fazer ainda melhor.

Décadas depois, ao examinar *A caturna*, **Nelson Cerqueira** reconheceria outra face dessa mesma amplitude: Taurino como “*herdeiro, condutor, transformador e futuro ancestral do idioma*” e, ainda, como “*utente, intérprete, renovador e monumento vivo da Língua Portuguesa*”. A formulação é posterior; o movimento que ela procura nomear, porém, vinha de longe, desde *A caçambilha*:

*Eu pequeno brincava com palavras,
falava sobre faróis e recorrentes,
acesos na luz do dia: ônibus
assim trafegavam, marés à sorte.*

*Na ilha de mim mesmo, erguida em aço,
recolhia pedras do caminho e a luz
forjando em mim mesmo o próprio ninho,
cravando em terra firme o meu traço.*

*Ao redor o mundo rodava e eu
via uma corrente que me levaria
estradas juntas, lugares longes e ilhas.*

*Assim, intuía próximos, distantes:
uma ilha é algo fora do mundo,
caçamba de criança é sempre “caçambilha”.*

Ainda estudante primário do **Educandário Humberto de Campos**, em **Ubatã**, Taurino Araújo manifestava oposição à ditadura militar. Em 1979, ingressou no **Colégio Estadual de Ubatã**.

A criança que fazia de caçamba “caçambilha” já experimentava, em estado inaugural, uma liberdade diante da palavra e da transformação do mundo que, décadas depois, permitiria ao poeta receber *A caterna* da tradição lusitana e ampliar, potencializar e definir poeticamente seu campo de significação num português genuinamente baiano e brasileiro.

Não se trata ainda da operação madura de *A caterna*, mas o gesto primordial já estava lá: receber a língua e fazê-la produzir aquilo que antes ainda não produzia para ser mais sua.

Aliás, na passagem para os anos 1980, seus versos já alcançavam questões políticas e geopolíticas, enquanto **Taurino Araújo** proferia palestras para adultos no **Rotary** e na **Maçonaria** e a palavra começava, em prosa e verso, a ganhar também dimensão pública.

A documentação biográfica da **Assembleia Legislativa da Bahia** confirma a oposição ao regime ainda no curso primário e registra, posteriormente, sua participação nas campanhas pela Anistia, pelos Grêmios Livres e pelas Diretas Já.

A arte chegou igualmente cedo. E este dado, que poderia parecer apenas mais uma informação juvenil, revela-se fundamental para compreender a multitrajetória inteira.

Em **1º de janeiro de 1981**, no ambiente de efervescência cultural de Ubatã, surgiu o **Grupo de Arte Canoatan**. A reconstrução histórica publicada em 2025 pelo *Jornal OSollo* é inequívoca: **“O grupo surgiu da antiga equipe de teatro ubatense”**. A reorganização dos grupos de jovens ligados à paróquia havia produzido equipes de liturgia, saúde, evangelização e teatro; esta última destacou-se pelo caráter inclusivo e chegou a acolher jovens sem vinculação direta com a Igreja.

Não era uma experiência artística estreita. O Canoatan realizava peças teatrais, festivais, semanas culturais e atividades esportivas; participou de festivais de música da Diocese de Ilhéus, venceu em 1984 com *Véu dos Tempos*, apresentou *Teimosia dos Ilhéus* no **Teatro Municipal de Ilhéus** e organizou um Festival da Juventude Católica com dez dias de **teatro, música, poesia, esportes e arte**.

Ao redor daqueles jovens existia ainda uma rede intergeracional de formação. A história do grupo preserva os nomes de **Binha Azevedo** e **Celene Nova**, **Tião** e **Elizeth**, **Dr. Geraldo Bastos** e **Dra. Celeste Guimarães**, que participavam dos ensaios, auxiliavam na organização dos espetáculos e ofereciam apoio técnico e emocional. A proposta declarada do Canoatan era formar cidadãos através da arte.

Também é importante preservar a história interna de suas lideranças. **Clemilson Lima Ribeiro** foi o primeiro presidente. **Paulo Katura** assumiu a presidência posteriormente, em momento considerado estratégico para a evolução do grupo, sendo lembrado pela energia, carisma e espírito agregador com que ampliou parcerias, incentivou produção autoral e participação de novos integrantes. E, entre os presidentes que se sucederam na trajetória do Canoatan, encontra-se expressamente **Taurino Araújo**, mencionado novamente pela matéria como “ex-presidente” do grupo.

A informação não é lateral. Antes do advogado, do jurista, do pensador, do hermeneuta, do crítico reconhecido e do artista visual, já existia o jovem para quem poesia, arte, palavra, crítica, participação pública e construção coletiva pertenciam ao mesmo campo de uma multitrajetória.

Antes de escolher uma profissão, Taurino Araújo já parecia ter escolhido duas coisas: o Brasil como preocupação e a palavra como instrumento.

Em **17 de outubro de 1986**, aos dezessete anos, falou em praça pública durante a campanha de **Waldir Pires** ao Governo da Bahia. Seu pronunciamento tinha um título que, retrospectivamente, parece conter um programa: “O Brasil nasceu na Bahia”.

Vinte e cinco anos depois, quando Taurino Araújo recebeu da **Câmara Municipal de Salvador** a **Medalha Thomé de Souza**, Waldir Pires ainda se lembrava daquele adolescente. A homenagem ocorreu em **12 de setembro de 2011**, com registro oficial da Câmara. Waldir declarou:

“Foi muito justa a homenagem a ele porque é um rapaz que eu conheci aos 17 anos, em plena praça pública, com um calor e uma vitalidade e, sobretudo, com uma íntima disposição da alma de lutar pelo seu povo, pela sua geração, pela Humanidade. De modo que a Câmara de Vereadores presta uma homenagem simbólica no Taurino a uma juventude muito larga, gente muito boa que nós temos. Nós somos um país que tem gente muito boa... Eu fico contente com isso”.

O testemunho é particularmente eloquente porque foi pronunciado em **12 de setembro de 2011** sobre aquilo que **Waldir Pires** vira em 1986. Para explicar o homem homenageado, o estadista retornou ao adolescente da praça. “O Brasil nasceu na Bahia”.

Naquela mesma solenidade, outro testemunho projetava a trajetória em direção diversa e complementar. Em *Metáfrase ao*

Comendador *Taurino Araújo*, **Washington Luiz da Trindade**, Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia e orientador brasileiro de Taurino em seu percurso doutoral internacional, recorreu a **Chateaubriand** e à imagem empregada a propósito de **Napoleão Bonaparte** para construir uma comparação deliberadamente superlativa: em sua metáfrase, a “*munificência divina*” teria insuflado em Taurino “*o sopro mais forte que a argila humana de Jequié poderia receber*”.

A comparação não termina em **Napoleão**. **Washington** convoca **Yehudi Menuhin** para associar grandeza aos dons recebidos e, em seguida, desloca a imagem para um dado que conhecia diretamente: afirmou ter “*adivinhado*” que Taurino alcançaria os “*píncaros da notoriedade*” antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente, apenas pelo que encontrara nos escritos jurídicos daquele advogado recém-chegado à cidade grande.

A força documental da *Metáfrase* está menos na hipérbole das comparações do que na amplitude do diagnóstico. Em 2011, **Washington Trindade** já recusava ler **Taurino Araújo** apenas pelo Direito e reunia, no mesmo retrato, formação jurídica, Filosofia, Ciência, Poesia, linguagem e devir. Ao final, desejava-lhe “*outras distinções maiores*” e lugar na “*epopeia crioula*” e nas “*mitologias futuras*”.

Destarte, algumas das portas que hoje parecem convergir já haviam sido percebidas muito antes de receberem esses nomes.

Naquela mesma solenidade, ao recordar a escassez dos meios com que começara a fazer da palavra um instrumento, **Taurino Araújo** condensou a experiência numa frase: “*Tinha no bolso apenas uma ficha telefônica e muita vontade de falar. Falei*”.

Não seria a última — nem a primeira vez — que Taurino Araújo procuraria pensar o Brasil a partir da Bahia.

Em 1989, outra forma de responsabilidade apareceu. Taurino assumiu a **Secretaria de Administração do Município de Ubatã** ainda tão jovem que precisou ser emancipado pelo pai, **Adelino Santos de Araújo**, para exercer o cargo; fonte posterior o registra como **o mais jovem secretário de Administração do Brasil**.

Da experiência administrativa emergiria também a formulação conhecida como **Quádrupla de Taurino para melhor emprego do dinheiro público**: *“o dinheiro não é meu; o dinheiro não é seu; o dinheiro parece nosso, mas não é”*. Formulada em 1989, quando **Taurino Araújo** exercia a Secretaria de Administração de Ubatã, a proposição seria posteriormente reconhecida como precursora da responsabilidade fiscal no Brasil. Em 2013, por ocasião da concessão do título de **Cidadão Benemérito João Mangabeira (CBJM)**, a **Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil — ANFIP** registrou esse caráter precursor.

Antes do bacharelado, do doutorado e da *Hermenêutica da Desigualdade*, portanto, já aparecia uma pergunta essencial: como exercer o poder sem confundir o público com o privado?

Na universidade, o mesmo impulso ganhou outra escala. Como vice-presidente do **Diretório Central dos Estudantes da FESPI**, Taurino Araújo teve destacada participação em assembleias e passeatas, com articulações que alcançaram a **Assembleia Legislativa**, a **Câmara Federal**, o **Senado** e a **Governadoria**. A documentação institucional registra igualmente que integrou a luta pela estadualização da Universidade.

O estudante não lutava apenas para que uma instituição mudasse juridicamente de natureza. **Lutava por uma ideia de Universidade**.

Quando se formou em Direito, em 1993, e falou como orador da turma, **filosofia, ciência e artes** já podiam ser compreendidas como dimensões convergentes da formação universitária que defendia.

Antes de formular uma epistemologia brasileira, portanto, Taurino Araújo já participara da construção de uma universidade pública brasileira. **Não parece ter mudado de projeto. Ampliou os meios de realizá-lo.** Essa talvez seja a primeira chave para compreender uma trajetória que, vista apenas pelo currículo, poderia parecer excessivamente múltipla. **Poeta, advogado, jurista, professor, ensaísta, crítico literário, construtor cultural e artista visual não são personagens posteriormente justapostos.** São diferentes linguagens de **uma eloquente vocação genuinamente brasileira.**

Ela não se confunde com nacionalismo retórico, fechamento cultural ou exaltação abstrata da nacionalidade. É, antes, uma disposição para pensar, construir e elevar a **Civilização Brasileira** a partir de dentro, reconhecendo suas contradições e acreditando, ao mesmo tempo, em sua capacidade de produzir instituições, pensamento, literatura, arte e categorias próprias de interpretação.

Desde muito cedo, Taurino Araújo escolheu participar da construção da Civilização Brasileira e, à medida que sua vida se ampliou, encontrou novas linguagens para fazê-lo. É nesse ponto que uma imagem profundamente baiana oferece a estrutura adequada para compreendê-lo.

Segundo **Camilo de Lélis Leite Matos**, Taurino Araújo chegou a nado ao cais dourado da Bahia, totalmente pronto para ofício público, unindo o sertão e o cais.

No **Mercado das Sete Portas**, portanto, estariam talvez as sete diferentes entradas que conduzem ao mesmo espaço. Por

qual delas deveria Taurino Araújo entrar na Academia? A resposta talvez seja: **pelas Sete Portas**.

A caterna, o próprio poema acompanhará, daqui em diante, a travessia: dez de suas vinte e quatro quadras — sete diretamente articuladas às Sete Portas e três reaparecendo como contrapontos de aprofundamento — serão conservadas com a numeração original, não como ornamento, mas como matéria poética capaz de demonstrar aquilo que a trajetória e a crítica procuram compreender.

A primeira porta: a poesia

A poesia atravessa mais de quatro décadas da vida de Taurino Araújo e não comparece como ornamento literário de uma atividade jurídica, artística ou filosófica. Constitui linguagem autônoma, progressivamente elaborada, capaz de absorver memória, território, história, língua, desigualdade, passagem e permanência.

O primeiro gesto de *A caterna* já contém, em miniatura, o sistema inteiro: sujeito, estrada, palavra antiga, Língua Portuguesa, tempo e território.

I
*Calcei as botas, firmei-me na estrada,
a velha caterna da Língua Portuguesa.
No barro do tempo, pegada marcada,
caminho traçado na Serra do Caramulo.*

Em *A caterna*, essa trajetória alcança particular concentração. Uma antiga palavra da Língua Portuguesa transforma-se sucessivamente em objeto, calçado, corpo, passo, pegada, caminho, palavra e permanência. Primeiro o homem leva a caterna. No limite, pede à própria palavra que o leve:

III

*Tantas memórias minha língua matiza,
o barro do mundo sustenta-me os pés.
Caterna, palavra, me leva, eterniza,
um passo-poema supera revés.*

Existe aqui, porém, um dado lexical decisivo: Taurino não inventa o vocábulo *caterna*. Recupera uma palavra antiga e rara da Língua Portuguesa e amplia, potencializa e define poeticamente um novo campo semântico para ela, fazendo-a reunir, no sistema do poema, língua, corpo, passo, pegada, travessia, território, memória, ancestralidade e permanência.

Se em “*caçambilha*” a liberdade infantil operava pela invenção lexical, em *A caterna* a operação madura é outra: a contribuição não está na fabricação do signo, mas em sua ressemantização.

Uma palavra que já existia é poeticamente refundada e passa a comportar um mundo novo de significação no qual a baianidade e o autor do poema assumem proeminência e protagonismo na Língua Portuguesa.

Nelson Cerqueira dedicou ao poema *A caterna* um tratado crítico de **48 páginas, 39 seções e duas grandes partes**, examinando um único poema de **96 versos** mediante aproximações entre literatura, filosofia, linguística, antropologia, memória e história. Traduzido para o inglês, alcança **61 páginas**. E chegou a uma conclusão que oferece uma chave para as sete portas:

“É nesse limite que as designações usuais de poeta e pensador — tomadas isoladamente — já não bastam para dimensionar Taurino Araújo”.

O tratado, entretanto, vai ainda mais longe. Ao acompanhar o modo como Taurino recebe, atravessa e transforma a Língua Portuguesa, **Nelson Cerqueira** o apresenta sucessivamente como “*agente permanente*” do idioma, “*superfície de contato*” entre a língua e a experiência, guardião do léxico, “*legislador da língua, não apenas de obediente usuário*”, renovador, monumento vivo e “*futuro ancestral do idioma*”. Não são epítetos dispersos: descrevem graus de uma mesma relação ativa com a língua recebida e por ele refigurada.

A crítica especialíssima, sobretudo, percebe aquilo que a biografia prolífica sempre demonstrou: categorias isoladas tornam-se progressivamente insuficientes para definir a grandeza de **Taurino Araújo**, até que seu próprio nome se torne adjetivo *sui generis*, uma verdadeira instância *hors concours*.

A segunda porta: o pensamento

Taurino Araújo é autor de *Hermenêutica da desigualdade: uma introdução às ciências jurídicas e também sociais* (Del Rey, 2019), sua **Magnum Opus**, considerada uma **Epistemologia genuinamente brasileira, afora o conceito de verdade absoluta, 95 anos depois da Semana de Arte Moderna de 1922**. Essa caracterização circula na recepção crítica da obra e em estudos dedicados a ela.

Mas a *Hermenêutica da Desigualdade* não inaugura aquela vocação genuinamente brasileira. **Dá-lhe forma epistemológica, de Estatuto da Palavra.**

Vista daqui a *Metáfrase* de **Washington Trindade** adquire valor antecipatório ainda mais preciso. Seis anos antes da defesa da tese, ele recorrera a **Ilya Prigogine** para aproximar **Taurino Araújo** do devir e do “*fim das certezas*” nas ciências exatas e sociais; e, com **Michel Serres**, reunira Ciência e Poesia,

distinguindo o procedimento metodológico do uso criador da linguagem. Não se tratava ainda da *Hermenêutica da Desigualdade* publicada, mas já se percebia no jurista em formação o trânsito entre campos que a obra de maturidade converteria em método e sistema.

É dessa forma que o menino preocupado com o Brasil; o jovem do teatro e do Canoatan; o adolescente de “*O Brasil nasceu na Bahia*”; o administrador interrogando a natureza do dinheiro público; o universitário participando da estadualização da **FESPI**: todos reaparecem, em outra escala, no pensador que transforma a desigualdade em categoria de interpretação e em conceito jurídico fundamental.

Essa inserção numa tradição brasileira de pensamento jurídico não constitui apenas uma aproximação interpretativa deste ensaio.

Em registro institucional de 2022, o próprio Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, ao referir-se ao trissecular **Instituto dos Advogados da Bahia (IAB-BA)** como “a instituição máxima do conhecimento jurídico na prática advocatícia” no Estado, incluiu **Taurino Araújo** entre “juristas da estirpe de **Ruy Barbosa, Teixeira de Freitas, Orlando Gomes, Agenor Sampaio Neto, Washigton Trindade e Taurino Araújo**”. A aproximação, portanto, não é retrospectivamente produzida por esta leitura: encontra precedente documental no próprio Poder Judiciário da Bahia.

Essa vocação encontraria decisivo amadurecimento no **Doutorado em Ciências Jurídicas e Sociais** realizado na **Universidad del Museo Social Argentino**, em Buenos Aires, entre 2008 e 2017. A orientação da tese coube a **Federico Gabriel Polak**, jurista de larga projeção na Argentina, professor da UMSA e figura de extensa atuação acadêmica e institucional, inclusive na

vida pública do país, como porta-voz do ex-presidente **Raúl Alfonsín**.

No percurso formativo, **Hugo Rafael Mancuso** representou importante presença no horizonte da Semiótica, enquanto, no Brasil, **Washington Luiz da Trindade** exerceu a função complementar de orientador brasileiro, trazendo àquela experiência internacional uma linhagem da tradição jurídica baiana vinculada a **Orlando Gomes**. A tese, defendida em **Buenos Aires** em **30 de agosto de 2017**, encontraria forma editorial dois anos depois em *Hermenêutica da desigualdade*.

A proposição é significativa: o Brasil não deve somente receber categorias de interpretação; pode produzir categorias próprias para compreender sua realidade e oferecer pensamento ao mundo.

Na poesia, a mesma disposição deixa de ser apenas proposição e se converte em imagem de pensamento: o percurso não conduz simplesmente ao mundo; participa de sua fabricação, enquanto a língua constitui a superfície pela qual a experiência o percorre.

XIX

*Porque quem caminha não teme destino,
não busca chegada, não pede razão.*

*O próprio percurso é um hino progresso,
a trilha da vida, o solado da língua.*

Essa disposição para produzir categorias de interpretação não permaneceu circunscrita ao Direito. Em 2021, na **Especialização em Gestão de Pessoas: Carreiras, Liderança e Coaching da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — PUC-RS**, Taurino Araújo apresentou como trabalho de conclusão *Se você quer subir, não*

aperte descer: a intuição motivacional do verdadeiro Maslow no case Taurino Araújo.

Esse estudo desloca a investigação para o próprio sujeito, aproximando motivação, autorrealização, desenvolvimento humano e experiência autobiográfica. A pesquisa acadêmica posteriormente se transformaria em livro, publicado pelo **Instituto Memória, de Curitiba**, em 2023.

O percurso é revelador. Na *Hermenêutica da Desigualdade*, Taurino Araújo interroga as estruturas pelas quais realidade, Direito e desigualdade podem ser interpretadas. Em *Se você quer subir, não aperte descer*, volta parte desse instrumental para a experiência humana individual e para sua própria trajetória. **A interpretação do mundo encontra a interpretação de si.**

A terceira porta: o Direito, a democracia e a vida pública

A advocacia prolonga uma relação com democracia e justiça anterior à própria graduação, sempre acompanhada de pesquisa, leitura, coleta de materiais, relato jornalístico e de um insistente domínio da palavra, falada e escrita.

Nesse domínio, porém, a maturidade profissional parece organizar competências cujos antecedentes já se encontravam dispersos na juventude. No **Canoatan**, não havia apenas criação artística: havia organização de espetáculos, festivais e semanas culturais, articulação de pessoas, formação de público, relacionamento comunitário e construção coletiva.

Na praça pública, aos dezessete anos, a palavra já precisava encontrar circunstância, destinatário e eficácia. Pouco depois, a atividade estudantil exigiria articulações que alcançariam a Assembleia Legislativa, a Câmara Federal, o Senado e a

Governadoria. Antes que cerimonial, relações públicas e jornalismo pudessem aparecer como campos identificáveis de atuação, algumas das competências que os sustentam já se manifestavam na prática.

É nesse sentido que cerimonial, relações públicas e jornalismo reaparecem em diferentes momentos da multitrajetória menos como atividades laterais do que como modalidades de uma mesma vocação comunicacional: pesquisar e compreender a circunstância, organizar sua apresentação, articular pessoas e instituições, produzir matérias e opinativos e transformar a palavra em presença pública.

O cerimonial organiza simbolicamente o acontecimento; as relações públicas constroem e mantêm interlocuções; o jornalismo pesquisa, registra e faz circular fatos e interpretações.

Em Taurino Araújo, as três atividades encontram um elemento comum: a palavra não permanece apenas escrita ou pronunciada; é colocada em situação, dirigida a alguém e inserida em espaços públicos de circulação progressivamente mais amplos.

Essa ampliação possui hoje um registro bibliográfico particularmente concreto. O catálogo da Biblioteca do Escritório das **Nações Unidas em Genebra — UNOG** registra *Hermenêutica da Desigualdade* em seu acervo. O dado não substitui a recepção crítica da obra nem deve ser confundido com juízo institucional sobre seu conteúdo; documenta, porém, uma forma objetiva de circulação internacional. A palavra que começara em Ubatã, atravessara praça pública, universidade, tribunais e livros alcança também uma biblioteca do sistema das Nações Unidas em Genebra.

Essa competência ajuda, retrospectivamente, a compreender realizações que ultrapassam os três campos. Reunir

pessoas e linguagens no **Canoatan**, atuar no movimento estudantil, exercer função pública, ensinar, advogar, organizar uma coletânea internacional, produzir discursos de circunstância posteriormente convertidos em objetos de crítica e aproximar instituições distintas exigem, em escalas diversas, a capacidade de fazer ideias, pessoas e ambientes entrarem em relação. O que posteriormente se tornará visível como construção cultural possui, portanto, uma infraestrutura comunicacional anterior.

A própria trajetória oferece um sinal institucional dessa permanência: Taurino Araújo é sócio efetivo da **Associação Bahiana de Imprensa - ABI**. O dado associativo interessa menos isoladamente do que como confirmação de uma prática mais extensa: comunicação, articulação e presença pública acompanham uma trajetória na qual a palavra, desde cedo, não foi apenas matéria de criação, mas também instrumento de relação.

A vida pública começa na oposição ao autoritarismo, atravessa a ação cultural, a redemocratização, a Anistia, os Grêmios Livres, as Diretas Já, o movimento estudantil, o magistério de Redação e Língua Portuguesa, a administração pública e a construção institucional, chegando ao Direito, ao magistério universitário, às Aulas Magnas e à reflexão jurídica. A ALBA reúne documentalmente vários desses elementos numa mesma biografia.

Os reconhecimentos públicos interessam aqui menos como adornos curriculares que como marcos de uma recepção externa. No Japão, em 2005, Taurino Araújo recebeu o apelido de *O Samurai da Voz* (em japonês: “*Koe no Samurai*” 声の侍).

Em 2011, a Câmara Municipal de Salvador concedeu-lhe a **Medalha Thomé de Souza**.

Em 2013, a Assembleia Legislativa da Bahia concedeu-lhe o título de **Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira (CBJM)**.

Em 2019, o próprio cinquentenário de Taurino Araújo converteu-se em acontecimento público e intelectual. A **Câmara Municipal de Itabuna** realizou, em 17 de junho, **Sessão Especial comemorativa de seus cinquenta anos**, no auditório do **Colégio Estadual Sesquicentenário — CISO**, tendo como eixo de debate a *Hermenêutica da Desigualdade* e seus reflexos na Universidade e no ensino públicos e gratuitos. O projeto educacional que fundamentou a atividade definiu-a expressamente como uma **“comemoração científica do cinquentenário”**, associando a obra ao protagonismo juvenil, ao conhecimento, à tecnologia, à inovação e à diversidade.

Daquela manhã ficou também uma pequena cena. Um dos estudantes, dirigindo-se ao antigo aluno, comentou: *“Mestre, e em pensar que, quando o senhor estudava aqui, Cinquentenário era apenas o nome de nossa principal avenida...”*

Outros reconhecimentos continuam reiteradamente se somando. Mas o sentido da sequência é mais importante do que sua enumeração: o reconhecimento institucional não criou essa trajetória; começou a alcançá-la e absorvê-la nos mais diversos âmbitos.

Essa relação entre trajetória, memória e permanência encontra no poema uma de suas formulações mais monumentais: o corpo pode desaparecer, mas o verbo procura inscrever-se na duração histórica.

X

*E mesmo que um dia a poeira me cubra,
o barro do tempo dissolva meu corpo,*

*a velha caterna é sol que perdura,
meu verbo, memória, as arcas, os dólmens.*

A quarta porta: a crítica

Taurino não apenas escreve. Lê, interpreta e constrói sistema novo. Pensador por excelência, faz de sua atividade crítica um lugar de encontro e de elaboração entre literatura, poesia, cultura, história, filosofia e pensamento.

Por isso, é um intelectual que acerta não por acaso, mas porque sabe o que está fazendo — inclusive quando reelabora aquilo que já fez, tendo sempre em vista a prática da teoria e a teorização da prática, num movimento produtivo e crítico *ad aeternum*.

A crítica, aqui, encontra no próprio poema a formulação que melhor nomeia essa passagem do uso à intervenção sobre a língua: cada palavra pode deixar uma marca de sentido, e a experiência do utente pode ampliar, potencializar e definir seu campo semântico com invulgar domínio.

IX

*Língua que molda os sulcos da pele,
em cada palavra, um rastro semântico.
O som dos meus passos, onde quer que eu pise,
fé vencedora, o meu verbo tão pando.*

Essa circulação entre criação, reflexão e crítica foi percebida também por **Celso Cunha Neto**, da **Associação Brasileira de Críticos de Arte — ABCA**. Em *A poética do chão: a beleza do que sobra encontra força e continuidade nas obras do artista visual Taurino Araújo*, publicado em **A Tarde**, **Cunha Neto** parte da produção visual de Taurino Araújo para alcançar precisamente a unidade intelectual que as classificações disciplinares tendem a fragmentar.

Artista visual, poeta, jurista e pensador não se separariam, em Taurino, “em gavetas”. Ao contrário, seus textos críticos e filosóficos repetiriam, em outra linguagem, operações reconhecíveis na obra visual: redução do ruído, aparecimento da estrutura, ritmo e atenção como forma de pensamento.

Essa observação é particularmente importante porque desloca a convergência do plano meramente biográfico para o próprio procedimento de criação. Não se trata apenas de um mesmo homem exercer com brilho tantas atividades diferentes, mas de um modo de pensar atravessar diferentes matérias e linguagens num mesmo multiartista.

Na leitura de **Cunha Neto**, portanto, aquilo que ocorre com folhas, galhos, restos e matérias encontradas reaparece, transformado, na escrita: selecionar, aproximar, retirar do ruído, revelar estrutura e produzir sentido. A prática torna-se, assim, uma forma de pensamento; e o pensamento, por sua vez, retorna à experiência para novamente se elaborar.

É nesse ponto que **Cunha Neto** oferece uma formulação especialmente reveladora ao compreender a poesia não como ornamento da filosofia, mas como “laboratório do conceito”. A expressão ajuda a explicar por que, em Taurino Araújo, criação e interpretação dificilmente admitem uma relação de anterioridade definitiva.

Logo, em **Taurino Araújo**, conceito pode nascer da experiência, a experiência pode testar o conceito, a crítica pode interpretar a criação e a criação pode obrigar a crítica a reformular suas categorias. Teoria e prática não ocupam, portanto, extremos imóveis de um percurso: alimentam-se reciprocamente.

Destarte, a leitura de **Cunha Neto** acaba por reconhecer, a partir das artes visuais, o mesmo movimento que esta quarta porta

encontra na atividade crítica de Taurino: pensar aquilo que se faz e, ao fazer, continuar pensando.

O movimento, porém, torna-se bidirecional. Enquanto Taurino produz leituras sobre outros autores, sua própria obra começa a produzir leitores críticos. Estudos de **Guilherme José de Carvalho Neto**, **Joaci Góes**, **Calmon Teixeira**, **Celso Cunha Neto**, da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), **Eduardo Boaventura**, **Pedro Lino de Carvalho Júnior** e **Nelson Cerqueira** — em meio a quase uma centena de outros expoentes — examinaram diferentes aspectos das **Sete Portas** de sua produção.

Um exemplo particularmente expressivo dessa passagem entre criação e interpretação encontra-se em *Ode aos curitibanos*, discurso pronunciado por Taurino Araújo em 5 de abril de 2023, por ocasião do recebimento, em Curitiba, do **Certificado de Responsabilidade Cultural — Comenda Estrela**, conferido pelo **Instituto Memória, de Curitiba**. O texto adquiriu permanência documental ao ser disponibilizado no próprio portal do **Tribunal de Justiça do Estado da Bahia**.

A circunstância ultrapassou o registro cerimonial. **Licia Soares de Souza** dedicou ao discurso o estudo *Ode aos curitibanos: um jogo de signos e de significados na est(ética) de Taurino Araújo*, percebendo nele justamente aquilo que esta quarta porta procura identificar: um texto de circunstância que ultrapassa a circunstância e se oferece à interpretação crítica.

A passagem é reveladora também sob outro aspecto: aquilo que começa como acontecimento e cerimonial converte-se em palavra pública, registro, circulação e, finalmente, objeto de crítica. A circunstância não desaparece; é intelectualmente transformada e ganha permanência.

Há ainda uma convergência biográfica significativa. A solenidade de Curitiba marcou também o lançamento de *Se você quer subir, não aperte descer*, obra que nasceu como investigação acadêmica na PUC-RS. Formação universitária, reflexão sobre o sujeito, livro, discurso público, reconhecimento cultural e recepção crítica voltavam a encontrar-se num mesmo acontecimento.

Com o tratado de **Nelson Cerqueira** sobre *A caterna*, ocorre algo particularmente significativo: aquele que interpreta passa a ser interpretado. Uma obra começa a adquirir existência cultural própria quando não depende apenas da interpretação de seu autor, mas passa a provocar discussão e pensamento fora dele. Com *A caterna*, esse movimento ganhou dimensão incomum: Nelson dedicou **48 páginas**, distribuídas em **39 seções** e duas grandes partes, à interpretação de um único poema de 96 versos. Traduzido para o inglês por **Edson Reis Santana**, o estudo alcançou **61 páginas** e passou também a circular internacionalmente.

Aliás, no próprio tratado, **Nelson Cerqueira** encontra em “*rastros semânticos*” uma condensação desse procedimento e formula um critério especialmente revelador: “*O grande utente não é aquele que conhece mais palavras, mas aquele cuja passagem altera o campo semântico do idioma*”.

Em *A caterna*, essa alteração assume forma verificável: a palavra rara é recuperada, poeticamente refundada e convertida em sistema.

Logo, dizer que Taurino altera seu campo semântico significa, aqui, algo mais preciso: ampliá-lo, potencializá-lo e defini-lo por novas relações de sentido. É nesse contexto que Nelson o descreve como “*legislador da língua, não apenas de obediente usuário*”.

Essa fortuna crítica começa agora a apontar para uma etapa seguinte. **Nelson Cerqueira**, *co-chair* da Brazil Section da **Latin American Studies Association — LASA**, pretende apresentar conferência sobre Taurino Araújo no Congresso Internacional da entidade em 2027, na Cidade do México. A LASA2027 será realizada presencialmente entre 16 e 20 de junho, tendo como instituição anfitriã a **Universidad Nacional Autónoma de México — UNAM**, com atividades na Unidad de Posgrado e na Facultad de Economía.

A informação deve ser compreendida em sua medida documental exata. Não se trata ainda de conferência realizada nem, enquanto não houver sua inclusão definitiva no programa oficial, de apresentação confirmada pela **LASA**. Trata-se da intenção expressamente manifestada por Nelson Cerqueira de levar ao México sua reflexão sobre Taurino Araújo.

E justamente por isso o dado interessa à trajetória aqui examinada. Depois de um tratado dedicado ao poema *A caturna*, de sua tradução para o inglês e de sua circulação em plataformas acadêmicas internacionais, a perspectiva mexicana projeta uma passagem nova: do texto internacionalmente acessível para a discussão acadêmica presencial fora do Brasil.

Há ainda uma adequação intelectual singular. A discussão projetada não ocorreria num congresso exclusivamente de poesia, Direito, filosofia ou crítica literária, mas no ambiente interdisciplinar dos estudos latino-americanos.

É precisamente o território em que as fronteiras disciplinares se tornam permeáveis — o mesmo problema que este ensaio encontra quando tenta decidir por qual das **Sete Portas** definir **Taurino Araújo**.

A quinta porta: a construção cultural

Talvez nenhum empreendimento revele tão claramente a capacidade agregadora e a liderança universitária dessa multitrajetória de Taurino Araújo quanto *Signos em Transe*: uma fortuna crítica sobre a semiótica de Lícia Soares de Souza.

A coletânea reuniu 62 autores de sete países e cinco idiomas — português, inglês, espanhol, francês e italiano —, com apoio institucional da **UNEB** e do **CNPq** e lançamento na **Academia de Letras da Bahia**.

Fontes de recepção a descrevem como **o maior levantamento etnográfico e semiológico realizado na Bahia nas últimas cinco décadas**.

O movimento é revelador. Taurino Araújo não internacionaliza sua obra abandonando a origem. **Leva o internacional a encontrar-se com a Bahia**. E existe uma circunstância quase programática: **a obra chegou à Academia antes de seu organizador eventualmente chegar a ela**.

A construção cultural repete, em escala coletiva, uma geografia que *A caturna* já condensara poeticamente: receber a matriz lusitana sem subalternidade e devolver-lhe uma voz situada no Recôncavo e na Bahia.

XIII

nos campos lusitanos, falamos de Alcofra;
minha voz Recôncavo, a caturna de outro:
o destino Baiano não é mero encargo,
um sopro no vento, um eco no chão.

E chegou não como promessa. **Chegou pronta**.

Por isso, é evidente que *Signos em Transe* realiza, em escala coletiva, aquilo que a trajetória de Taurino Araújo vinha realizando

individualmente: reunir diferenças sem dissolvê-las. Autores, países, idiomas, disciplinas e tradições permanecem reconhecíveis, mas passam a produzir, em conjunto, uma unidade que nenhum deles produziria isoladamente.

Antes de AGREGAÇÃO tornar mundialmente visível esse procedimento na matéria, e **de ser exibida no Tribunal de Justiça da Bahia entre 3 e 14 de agosto de 2026**, a construção cultural já o havia realizado entre pessoas, línguas, continentes e pensamentos.

A sexta porta: a arte

A atividade de Taurino Araújo nas artes visuais não constitui uma incursão tardia em território estranho. A arte está na origem de sua vida pública.

O registro institucional da **Assembleia Legislativa da Bahia** informa que Taurino presidiu o **Grupo de Arte Canoatan**. A reconstrução histórica publicada pelo *Jornal OSollo*, em 2025, permite enxergar o universo artístico do qual essa presidência fazia parte.

O Canoatan surgira da antiga equipe de teatro de Ubatã. Produzia teatro, música, poesia, festivais, semanas culturais, esportes e atividades comunitárias. Tinha caráter inclusivo e pretendia formar cidadãos pela arte. Ao redor daqueles jovens, **Binha Azevedo e Celene Nova, Tião e Elizeth, Dr. Geraldo Bastos Guimarães e Dra. Celeste Guimarães** ajudavam a sustentar ensaios, espetáculos e a formação dos participantes. **Clemilson Lima Ribeiro** foi o primeiro presidente; **Paulo Katura** assumiu posteriormente a presidência, em momento estratégico da evolução do grupo; **Taurino Araújo** também figurou entre seus presidentes.

Isso modifica a cronologia da sexta porta. O artista visual não apareceu subitamente em 2017. Em 2017 apareceu mundialmente uma nova linguagem para uma vocação artística cuja experiência organizada remontava à juventude.

Na série *Assemblage no Parque da Cidade*, Taurino Araújo passou a trabalhar com elementos encontrados na natureza — folhas, galhos, flores secas e outras matérias —, retirando-os da dispersão cotidiana e reorganizando-os em composições efêmeras.

O gesto artístico estava na escolha, no deslocamento, na aproximação e na produção de uma significação que nenhum daqueles elementos possuía isoladamente. A fotografia registrava a composição e permitia que sobrevivesse visualmente à transitoriedade de sua própria matéria.

Também aqui a operação não consiste em conservar a matéria imóvel, mas em fazê-la produzir outro movimento sem apagar sua origem. Na poesia, a antiga caturna portuguesa atravessa o Atlântico e adquire ritmo brasileiro:

VII

*O couro curtido, conheço segredos,
os passos antigos, a verve, pipocam:
as botas sambando, meus versos e medos,
a língua vibrante, as minhas memórias.*

Essa experiência não permaneceu confinada a 2017. A linguagem visual continuou a reaparecer em sua trajetória e alcançou, em 2026, novo espaço institucional. Taurino participou, ao lado de outros artistas, da exposição *A Última Porta: Arquiteturas do Acolhimento*, no espaço cultural do **Tribunal de Justiça da Bahia**, com *AGREGAÇÃO*, obra vinculada à experiência de *Assemblage no Parque da Cidade*.

O título adquire, quando observado retrospectivamente, uma força quase programática:

AGREGAÇÃO.

O Canoatan reunia pessoas e linguagens. *A Hermenêutica da Desigualdade* reúne campos do conhecimento. *Signos em Transe* reúne 62 autores, sete países e cinco idiomas. A crítica reúne obras e interpretações. *A assemblage* reúne matérias. *A caterna* reúne palavra, corpo, língua, memória, território e tempo.

Taurino Araújo passa a vida agregando aquilo que as classificações costumam separar. Não se trata apenas do título de uma obra visual. AGREGAÇÃO acaba por nomear retrospectivamente um procedimento de toda a sua multitrajetória.

E aqui surge um círculo biográfico que dificilmente poderia ter sido fabricado retrospectivamente: aquilo que começara, na juventude, como experiência de construção coletiva reaparece, décadas depois, como procedimento artístico. AGREGAÇÃO não inaugura o gesto; torna-o visível na matéria.

Nesse sentido, a própria matéria de 2025 sobre o **Canoatan**, depois de registrar Taurino entre seus presidentes, acompanha sua trajetória posterior, menciona *Signos em Transe* e assinala que a recepção internacional de sua obra contribuiu para projetar também mundialmente o nome daquela antiga equipe de teatro.

O movimento completa-se: o Canoatan ajudou a formar Taurino; mais de quatro décadas depois, a trajetória de Taurino ajudava a levar o nome do **Grupo de Arte Canoatan** para os cinco continentes.

Ademais, a capa concebida para *A caterna e outros poemas: 40 anos de poesia brasileira* acrescenta outro estágio a

essa linguagem de aproximações através da *assemblage* de Taurino Araújo com realização e tratamento digital de arte- estúdio.

Bota, mar, pedra, flores, livros, igreja, embarcações e cidade distante não formam uma geografia documental, mas uma cartografia poética. Elementos heterogêneos permanecem reconhecíveis e, justamente porque não perdem suas identidades, produzem no encontro uma nova realidade luso-brasileira com identidade baiana, mas amplamente falante.

Bahia, Brasil, Portugal, Língua e mundo podem coexistir diante do mesmo mar. Um Atlântico encurtado.

A imagem realiza visualmente aquilo que a trajetória vinha realizando havia décadas: aproximar distâncias sem fingir que elas deixaram de existir.

A bota não elimina a distância. Torna-a caminhável. Do teatro à *assemblage*, portanto, mudaram os materiais, os espaços e as linguagens. Permaneceu o gesto de agregar.

A sétima porta: a convergência

Esta é a porta decisiva porque não acrescenta uma oitava atividade.

Contém as outras seis.

Nenhuma porta, entretanto, termina inteiramente em si mesma. A poesia pensa; o pensamento interroga o Direito; o Direito encontra a vida pública; a crítica devolve pensamento à criação; a construção cultural transforma pensamento em encontro; a arte torna visível, na matéria, a (est)ética de um procedimento que todas as anteriores já praticavam. Por isso a sétima porta não vem depois das seis. Esteve e está entre elas o tempo todo.

Por isso, o menino transforma inquietação em palavra. O jovem do Canoatan encontra a cena e a construção coletiva. O adolescente da praça aproxima palavra e democracia. O universitário protagoniza com o **DCE** a construção institucional e a estadualização da **Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)**. O administrador interroga ética, poder e dinheiro público. O advogado aproxima norma e realidade.

O hermeneuta faz o Direito encontrar as ciências sociais e propõe uma nova epistemologia da interpretação. O crítico aproxima interpretação e criação. O organizador de *Signos em Transe*, Bahia e mundo. O artista da *assemblage*, matéria dispersa e agregação. O poeta de *A caturna*, palavra, corpo, estrada e tempo.

A sétima porta é, portanto, aquilo que acontece através de relevantíssima produção de sentido entre as outras seis. E o Canoatan torna essa percepção ainda mais profunda. A convergência não foi inventada pelo crítico para explicar retrospectivamente uma obra madura.

Ela já estava, em miniatura, numa das primeiras grandes experiências artísticas organizadas da juventude: teatro, música, poesia, fé, cidadania, política, comunicação, comunidade e formação convivendo no mesmo espaço de criação.

Décadas depois, **AGREGAÇÃO** fornece quase involuntariamente o nome do procedimento. A convergência é uma forma de agregação. Mas agregação, aqui, não significa mistura indiferenciada. O princípio parece ser exatamente o contrário: aproximar elementos diferentes sem obrigá-los a deixar de ser diferentes. Na *assemblage*, folha continua folha, galho continua galho, flor continua flor; reunidos, porém, passam a produzir outra significação.

A mesma operação pode ser reconhecida em escala intelectual e biográfica. O Direito não precisa deixar de ser Direito para encontrar a literatura. A poesia não precisa converter-se em filosofia para pensar. A Bahia não precisa abandonar sua particularidade para dialogar com o mundo. A tradição da Língua Portuguesa não precisa ser rejeitada para receber uma nova marca brasileira. O local não desaparece no internacional. Encontra-o.

Por isso, talvez se torne possível reconhecer a permanência de um gesto. Tanto na palavra quanto na matéria, no conceito ou na experiência, **Taurino Araújo** frequentemente parte daquilo que já existe, preserva-lhe a identidade, desloca-o de sua posição habitual e, ao aproximá-lo de outros elementos, amplia, potencializa e define novas possibilidades de sentido.

Da “*caçambilha*” da infância à antiga “*ficha telefônica*”, da palavra caterna à matéria encontrada de AGREGAÇÃO, chegando à própria reciprocidade entre teoria e prática, diferentes linguagens tornam reconhecível a permanência de um mesmo procedimento de produção de sentido.

Vista por esse ângulo, a comunicação funciona como tecnologia da convergência: no cerimonial, organiza simbolicamente acontecimentos; nas relações públicas, articula pessoas e instituições; no jornalismo, pesquisa, registra e faz circular fatos e interpretações; na construção cultural, permite que diferenças se encontrem sem perder identidade. O procedimento muda de escala e de matéria, mas conserva a vocação de produzir relações e sentido.

Em *A caterna*, a operação torna-se especialmente visível: herdar não é repetir; transformar não é romper; criar é fazer o recebido produzir aquilo que antes ainda não produzia.

A própria caterna formula, em outra chave, essa ontologia do percurso: o mundo não comparece apenas como cenário anterior ao caminhante; faz-se no caminho.

XV

*Se a estrada se parte, se o vento esconde,
se as sombras dançam no campo perdido,
a velha caterna amedronta os montes,
pois sabe que o mundo se faz no caminho.*

A quadra XXIV, aliás, fecha o percurso exatamente onde a convergência se torna permanência: o poeta deixa de conduzir a palavra e a palavra passa a proclamá-lo *ad aeternum*. A Língua Portuguesa, calçada no primeiro gesto, adquire voz própria no último.

XXIV

*E quando os passos não mais ecoarem,
quando a poeira do tempo me leve,
a velha caterna segue proclamando
o sol de um sonho, minha língua materna.*

É por isso que as **Sete Portas** não correspondem a sete Taurinos. Correspondem a sete modos pelos quais a imortalidade de uma mesma vocação se realiza.

Vista dessa perspectiva, a passagem do **Canoatan** para a *assemblage*, da advocacia para a *Hermenêutica da Desigualdade*, de Signos em Transe para *A caterna*, da crítica para a poesia e da Bahia para o mundo é menos descontínua do que uma enumeração curricular faria supor.

Por último, essa convergência encontra perspectiva histórica particularmente sugestiva no texto em que **Guilherme**

José de Carvalho Neto homenageia **Paulo Furtado**. Ao reconstruir a linhagem da Cadeira 30 da Academia de Letras da Bahia — do patrono **Joaquim Monteiro Caminhoá** e do fundador **Prado Valladares** a **Roberto José Correia, Alfredo Vieira Pimentel, Nestor Duarte, Josaphat Marinho e Paulo Furtado** —, **Carvalho Neto** ultrapassa a memória individual para alcançar uma ideia de tradição.

Paulo Furtado “recebeu e ensolarou” a cadeira, fez jus à “sombra grandiosa de Josaphat” e, entre **Josaphat Marinho** e **Severino Vieira**, entre a tradição recebida e a inaugurada, “fez-se, ele próprio, tradição”.

Há nessa genealogia um antecedente especialmente revelador para o problema da convergência em **Taurino Araújo**. É o fenômeno **Prado Valladares**.

No fundador da **Cadeira 30, Prado Valladares**, reuniram-se Medicina, ciência, magistério, língua, crítica, literatura, vida acadêmica e dedicação às artes. A pesquisa de **Larissa Saldanha Oliveira**, desenvolvida na **Universidade Federal da Bahia**, permite compreender também a dimensão familiar dessa amplitude.

José Antônio do Prado Valladares faria comunicar museologia, educação, patrimônio, estética e crítica de arte; **Clarival do Prado Valladares** projetaria outra trajetória de extraordinária relevância para as artes e a cultura brasileiras.

Eles próprios não repetiram o patriarca: deram formas próprias à amplitude recebida. Nos **Prado Valladares**, entretanto, especializar-se sem estreitar-se tornou-se uma possibilidade concreta de levar aos “*píncaros da notoriedade*” a potência da inteligência baiana. A expressão, aqui retomada, é a mesma com que **Washington Trindade**, em 2011, dissera ter antevisto o percurso de Taurino a partir de seus primeiros escritos jurídicos.

Mas, a história mais próxima da Cadeira 30, sobretudo, acrescenta outra aproximação. **Nestor Duarte, Josaphat Marinho e Paulo Furtado** formam uma sequência de juristas cuja projeção ultrapassou o exercício profissional do Direito, circulou muito além dos cancelos pretorianos e alcançou pensamento, magistério, letras e vida pública.

É nesse horizonte que o prestígio jurídico de Taurino Araújo adquire particular significado. Advogado, professor e autor de produção jurídica própria, fez igualmente do Direito matéria de elaboração teórica e hermenêutica, com aplicação em pelo menos **19 áreas diferentes do conhecimento**, sem que a especialização impedisse sua circulação pela poesia, crítica, pensamento e artes visuais.

Não se confundem, entretanto, trajetórias distintas; reconhece-se nelas uma possibilidade comum: o rigor desta ou daquela especialidade coexistindo com uma multitrajetória transdisciplinar. Em Taurino, essa amplitude confirma, por outra via, a possibilidade baiana de especializar-se sem estreitar-se.

É precisamente nesse ponto que o gesto de **Carvalho Neto** se torna mais significativo. Ao retomar a tipologia formulada por **A. L. Machado Neto** em *A Bahia Intelectual (1900–1930)* e sua aplicação por **Rommel Robatto** a **Taurino Araújo**, no ensaio *Taurino Araújo: baiano de vanguarda, teoria universal*, destaca neste a capacidade de agregação social, o êxito socioliterário e o grau de especialização intelectual.

Taurino surge, assim, dentro da própria reflexão sobre uma vocação baiana para o pensamento e a obra diversificada, a presença social e a capacidade de agregação. O artigo retorna então a **Paulo Furtado** para afirmar que a maior homenagem à sua figura pública não consiste apenas em recordar o que realizou, mas em garantir que seu “*legado ensolarado continue através de*

uma tradição que atravessa séculos, reunindo direito, poesia, arte, memória, obra e presença”. A conclusão concentra o movimento inteiro: *“essa tradição precisa continuar”*.

Também por isso, a diversidade das linguagens de **Taurino Araújo** esconde uma extraordinária permanência do gesto. Não parece ter mudado de projeto. Ampliou os meios de realizá-lo. E, quando as seis primeiras portas são observadas a partir da sétima, torna-se possível compreender por que as designações isoladas começam a falhar. Não porque poeta, pensador, jurista, crítico ou artista sejam denominações inadequadas. Mas porque cada uma delas diz a verdade e nenhuma, sozinha, diz a verdade inteira.

Essa convergência encontra hoje uma expressão documental também fora do Brasil. No currículo internacional mantido por **Taurino Araújo** na plataforma francesa *HAL — Archive ouverte*, sua apresentação biográfica em língua inglesa reúne, sob uma mesma identidade autoral, campos que uma descrição convencional tenderia a separar.

O dado interessa menos como enumeração curricular do que como confirmação documental da arquitetura que estas sete portas procuram tornar legível: poesia, pensamento, Direito, crítica, construção cultural e arte deixam de parecer atividades justapostas quando observadas na duração de uma mesma trajetória.

Há, nesse registro, outra dimensão particularmente significativa. A apresentação encontra-se em inglês e integra uma plataforma acadêmica francesa, ao lado de identificadores internacionais de autoria e pesquisa. A trajetória iniciada na Bahia passa, assim, a adquirir instrumentos de legibilidade e circulação para além do espaço brasileiro. O local não desaparece no internacional. Encontra-o.

Vale, por isso, preservar a apresentação biográfica em sua língua de circulação:

Taurino Araújo no HAL

Em língua inglesa, o perfil internacional mantido na plataforma francesa HAL reúne, sob a mesma identidade autoral, as qualificações de artista visual, advogado, jurista, pensador, escritor, crítico literário, poeta e professor, além de registrar formação acadêmica, obras, reconhecimentos, Signos em Transe e identificadores internacionais de autoria e pesquisa.

O interesse documental do registro está precisamente nessa convergência: campos que uma descrição convencional tenderia a separar aparecem reunidos numa única trajetória e tornam-se legíveis fora do espaço brasileiro.

Embora relevante, o registro no HAL não deve ser confundido com uma instância autônoma de consagração crítica. Documenta a identidade acadêmica, autoral e internacional de Taurino Araújo, mas não substitui a recepção crítica de sua obra.

Sua importância, neste ponto, é outra: depois de atravessadas as sete portas, a enumeração deixa de parecer dispersão. Cada designação corresponde a uma dimensão efetivamente percorrida, e nenhuma delas, isoladamente, contém a trajetória inteira.

A circulação internacional, entretanto, jamais apaga a origem baiana e brasileira: enaltece-a. O triunfalismo autoral fundamentado torna internacionalmente legível uma construção que permanece vinculada à Bahia e ao Brasil e, justamente a partir deles, se alastra mundo afora.

Quarenta e nove anos se passaram

Entre a percepção exigente e cheia de expectativa do pai e a obra que hoje permite submetê-la à prova, passaram-se quarenta e nove anos.

Entre expectativa e realização, uma trajetória intelectual pode ser deformada quando narrada apenas a partir do momento em que alcança maior visibilidade. O reconhecimento tardio produz a ilusão de nascimento do nada, mas no caso de Taurino Araújo é preciso inverter a perspectiva.

A inquietação da infância; a palavra; os versos; o teatro; o Canoatan; a redemocratização; a Anistia; os Grêmios Livres; as Diretas Já; a praça pública; “O Brasil nasceu na Bahia”; Waldir Pires; a administração pública; a reflexão sobre o dinheiro coletivo; o movimento estudantil; a luta pela estadualização da FESPI; a UESC; o Direito; a advocacia; o magistério; a literatura; a crítica; a *Hermenêutica da Desigualdade*; a PUC-RS; *Se você quer subir, não aperte descer*; *Ode aos curitibanos*; *Assemblage no Parque da Cidade*; AGREGAÇÃO; *Signos em Transe*; *A caterna*; *A caterna e outros poemas: 40 anos de poesia brasileira*; **a projeção internacional dessa produção, documentada também pelo catálogo da Biblioteca do Escritório das Nações Unidas em Genebra e por plataformas acadêmicas e bibliográficas.**

Vistos isoladamente, são acontecimentos. Vistos em sequência, constituem trajetória. E é precisamente essa duração que modifica a relação entre Taurino Araújo e uma Academia.

Nesse ponto, o percurso deixa de ser apenas imagem de *A caterna* e se oferece como síntese biográfica de **Taurino Araújo**: viver e andar passam a nomear a mesma duração.

XXIII

*E assim sigo firme, pois sei que o caminho
é tudo que resta, é tudo que tenho.*

*Na sola caterna, na língua que ensino,
viver é andar, e andar é meu reino.*

Nessa perspectiva biográfica, entretanto, não se trata de construir retrospectivamente uma personagem adequada à instituição. Muito menos de selecionar realizações recentes e organizá-las como credenciais para uma circunstância.

Trata-se de operação intelectualmente mais legítima: não fabricar uma candidatura para uma Academia, mas tornar legível, para a Academia, uma trajetória que já existe. Porque o reconhecimento jamais deveria começar quando surge uma candidatura.

A candidatura encontra um reconhecimento que a precede. O adolescente foi ouvido em praça pública. O jovem presidiu um grupo de arte. O estudante participou da construção da Universidade. O administrador exerceu responsabilidade pública. O advogado construiu carreira. O professor ensinou. O escritor publicou. O pensador formulou. O crítico interpretou. O artista produziu. Instituições reconheceram. Outros críticos escreveram. A obra circulou.

Signos em Transe entrou na Academia. Nelson Cerqueira escreveu um tratado de 48 páginas sobre *A caterna*. O tratado ganhou tradução inglesa e circulação internacional.

E o mesmo crítico pretende levar sua reflexão sobre Taurino Araújo à Cidade do México, no **Congresso Internacional da LASA de 2027**, sediado pela **Universidad Nacional Autónoma de México**.

Somente então a pergunta sobre uma cadeira deixa de parecer ponto de partida e **passa a nascer da própria trajetória**.

O Mercado das Sete Portas! Voltemos, então, à imagem inicial.

Por qual porta Taurino Araújo deveria entrar numa Academia? **Pela poesia?** Há mais de quatro décadas de produção. **Pelo pensamento?** Há uma formulação interdisciplinar própria condensada na *Hermenêutica da Desigualdade* e há, em *Se você quer subir, não aperte descer*, uma investigação do sujeito e da autorrealização nascida de formação acadêmica na **PUC-RS**. O pensamento desloca-se da interpretação das estruturas para a interpretação do homem sem abandonar a pergunta pelo humanismo. **Pelo Direito, pela democracia e pela vida pública?** Há uma trajetória que antecede a própria graduação e atravessa décadas de exercício profissional. **Pela crítica?** Há produção crítica e uma fortuna crítica que se constitui em torno da própria obra: **Licia Soares de Souza** interpreta *Ode aos curitibanos*; Nelson Cerqueira dedica um tratado a *A caturna*; o estudo ganha tradução inglesa e circulação internacional; e o mesmo crítico projeta levar sua reflexão sobre Taurino ao Congresso Internacional da **LASA** de 2027, na Cidade do México. **Pela construção cultural?** Há a capacidade demonstrada de reunir autores, países, idiomas, instituições e Bahia. **Pela arte?** Há uma genealogia que começa no teatro e no Canoatan, atravessa *Assemblage no Parque da Cidade* e *AGREGAÇÃO* e alcança a produção visual contemporânea.

Cada resposta é verdadeira. Nenhuma é suficiente. Resta a sétima porta. E ela responde pelas demais: pela convergência.

O menino que se inquietava com o Brasil; o jovem do teatro; o adolescente que proclamava em praça pública “O Brasil nasceu na Bahia”; o universitário que participou da construção de uma

universidade pública; o administrador que interrogou a natureza do dinheiro coletivo; o advogado que fez do conflito matéria cotidiana; o jurista que colocou a desigualdade no centro da interpretação; o crítico que lê a palavra alheia; o organizador que reuniu diferentes países em torno da Bahia; o artista que transforma matéria dispersa em agregação; o poeta que pergunta até onde uma velha palavra portuguesa ainda pode caminhar.

Pertencem à mesma biografia. Essa unidade talvez seja o fato mais importante. Porque revela que uma eloquente vocação genuinamente brasileira não designa uma fase, uma obra ou uma posição circunstancial. Designa um movimento.

Taurino Araújo é, portanto, uma ideia de Brasil capaz de produzir pensamento próprio sem fechar-se ao pensamento do mundo; reconhecer a desigualdade sem aceitá-la como destino; receber uma língua secular e, sem rompê-la, ampliar, potencializar e definir nela novos campos de significação; construir instituições em vez de apenas ocupá-las; partir da Bahia sem transformar a Bahia em periferia; fazer o internacional encontrar-se com a Bahia e, no movimento inverso, fazer a palavra produzida na Bahia alcançar os mais diversificados espaços intelectuais mundo afora.

É significativo que, aos dezessete anos, **Taurino Araújo** tenha escolhido para um discurso o título: **“O Brasil nasceu na Bahia”**. Quarenta anos depois, a pergunta contida naquela afirmação continua reconhecível: o que a Bahia pode oferecer ao Brasil — e o que o Brasil pode oferecer ao mundo?

A resposta nunca coube numa única porta. Talvez nunca pudesse caber. Seu pai percebeu primeiro e encontrou uma fórmula que o tempo se encarregaria de submeter à prova: **“Taurino já nasceu grande”**.

Não porque a obra estivesse pronta no menino. Mas porque a escala das perguntas apareceu antes da escala dos meios disponíveis para respondê-las.

Waldir Pires encontrou o adolescente na praça e reconheceu nele uma *“íntima disposição da alma”* para lutar por seu povo, por sua geração e pela Humanidade. Décadas depois, **Nelson Cerqueira**, diante da obra madura, concluiria que as designações usuais de poeta e pensador, tomadas isoladamente, já não bastavam para dimensionar **Taurino Araújo**; no mesmo tratado, reconheceria nele o *“futuro ancestral do idioma”*, o *“monumento vivo da Língua Portuguesa”* e o *“legislador da língua, não apenas de obediente usuário”*.

Adelino percebeu a escala. **Waldir** testemunhou a disposição. **Nelson** reconheceu a dimensão.

E a dimensão reconhecida por Nelson alcança a própria Língua Portuguesa: Taurino a recebe como herança, atravessa-a como experiência, **amplia, potencializa e define novas possibilidades de significação**, deixa nela um “rastro semântico” e projeta-se, na formulação do crítico, como seu “futuro ancestral”.

Entre os três, há quase uma vida inteira de demonstração. E talvez seja a imagem final do **Mercado das Sete Portas**: não sete entradas disputando entre si qual delas representa melhor um homem, mas sete caminhos que, percorridos até o fim, chegam ao mesmo centro.

Talvez seja essa, afinal, a peculiaridade de uma trajetória de quarenta e nove anos: aquilo que inicialmente parecia multiplicidade revela, quando observado à distância, uma unidade. O teatro já continha a palavra. A palavra já continha o Brasil. O Direito encontrou a desigualdade. A desigualdade exigiu interpretação. A interpretação encontrou a crítica. A crítica

reencontrou a poesia. A Bahia encontrou o mundo. A matéria dispersa tornou-se *AGREGAÇÃO*. E a multiplicidade revelou-se convergência de uma eloquente vocação genuinamente brasileira.

Mário Nelson Carvalho

Economista, afroempreendedor, consultor empresarial, conselheiro fundador da Universidade Zumbi dos Palmares/AfroBras, São Paulo, e ativista do Movimento Negro.

REFERÊNCIAS E FONTES CONSULTADAS

ALMA BAIANA. *Entrevista com Taurino Araújo fala sobre a Hermenêutica da Desigualdade*. 12 set. 2025. Registra a recepção da *Hermenêutica* como epistemologia genuinamente brasileira e dados relativos a *Signos em Transe*. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar a entrevista sobre a Hermenêutica da Desigualdade](#)

ARAÚJO, Taurino. *Hermenêutica da desigualdade: uma introdução às ciências jurídicas e também sociais*. Belo Horizonte: Del Rey, 2019.

ARAÚJO, Taurino. *Se você quer subir, não aperte descer: a intuição motivacional do verdadeiro Maslow no case Taurino Araújo*. 2. ed. Curitiba: Instituto Memória, 2023. Obra originada do trabalho de conclusão da Especialização em Gestão de Pessoas: Carreiras, Liderança e Coaching da PUC-RS, 2021.

ARAÚJO, Taurino. *Ode aos curitibanos*. Discurso pronunciado por ocasião do recebimento do Certificado de Responsabilidade Cultural — Comenda Estrela, Instituto Memória, Curitiba, 5 abr. 2023. Texto disponibilizado no portal do **Tribunal de Justiça do Estado da Bahia**. [Consultar o discurso no TJBA](#)

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA. *Taurino Araújo Neto — Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira*. Registra a Sessão Especial da Câmara de Vereadores de Itabuna comemorativa do Cinquentenário de Taurino Araújo e a Moção de Congratulações pelo cinquentenário e pelo sucesso da *Hermenêutica da Desigualdade*. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar o perfil institucional na ALBA](#)

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA. *Taurino Araújo Neto — Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira*. Salvador: ALBA, 2013. Perfil institucional: formação, FESPI, estadualização, atuação pública, Grupo de Arte

Canoatan, Centro Cívico e participação nas campanhas democráticas. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar o perfil institucional na ALBA](#)

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA. *Professor receberá título na AL.* Salvador, 29 ago. 2013. Registra a vice-presidência do DCE/FESPI e a participação em assembleias, passeatas e articulações junto à Assembleia Legislativa, Câmara Federal, Senado e Governadoria. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar a matéria oficial da ALBA](#)

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA. *Jurista Taurino Araújo ganha honraria no Poder Legislativo.* Salvador, 30 ago. 2013. Registro da outorga do título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar o registro da homenagem](#)

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS AUDITORES FISCAIS DA RECEITA FEDERAL DO BRASIL — ANFIP. *ANFIP participa de sessão especial para entrega de Título de Cidadão Benemérito.* 2 set. 2013. Registro da participação da entidade na sessão especial da Assembleia Legislativa da Bahia em homenagem a Taurino Araújo, com referência à formulação da Quádrupla de Taurino e à sua precedência em relação à legislação de responsabilidade fiscal. Página original preservada pelo Internet Archive — Wayback Machine, captura de 14 dez. 2013. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar a página preservada da ANFIP](#)

CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR. *Taurino Araújo recebe Medalha Thomé de Souza.* Salvador, 13 set. 2011. Registro oficial da solenidade realizada em 12 de setembro de 2011. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar a Câmara Municipal de Salvador](#)

CARVALHO NETO, Guilherme José de. *Dois meses sem Paulo Furtado.* Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, Salvador, 21 set. 2026. Disponível em: <https://www.tjba.jus.br/portal/dois-meses-sem-paulo-furtado/> . Acesso em: 22 set. 2026.

CERQUEIRA, Nelson. *A caterna, de Taurino Araújo: um tratado crítico.* 2026. 48 p.

CUNHA NETO, Celso. *A poética do chão: a beleza do que sobra encontra força e continuidade nas obras do artista visual Taurino Araújo.* **A Tarde**, Salvador, Olhares, p. 7, 25 jan. 2026. Disponível em: [PhilPeople — reprodução em PDF](#). Acesso em: 20 set. 2026.

GÓES, Joaci. Discurso de recepção a Edvaldo Brito. In: ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Salvador, n. 58, 2020. ISSN 1518-1766. [Revista da Academia de Letras da Bahia nº 58 — edição oficial](#)

HAL — ARCHIVE OUVERTE. *Taurino Araújo — biografia.* HAL, perfil acadêmico e autoral em língua inglesa, com produção e identificadores internacionais. **Acesso**

em: 20 set. 2026. Consultar a biografia de Taurino Araújo no HAL: <https://cv.hal.science/taurino-araujo>

JORNAL GRANDE BAHIA. *Pensador baiano Taurino Araújo comenta sobre a obra autoral “Hermenêutica da Desigualdade”;* confira entrevista. 2022. Contém o depoimento sobre as provocações intelectuais do pai, Adelino Santos de Araújo, e a expressão “**Taurino já nasceu grande**”. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar a entrevista](#)

JORNAL OSOLLO. *Da série Arte no Sul da Bahia: A história do grupo de arte Canoatan, de Ubatã.* 14 abr. 2025. Fonte indicada pela publicação: *Interiorano*. Documenta a fundação do Canoatan em 1981, sua origem na antiga equipe de teatro, suas atividades, os casais Binha Azevedo e Celene Nova, Tião e Elizeth, Geraldo Bastos e Celeste Guimarães, as presidências de Clemilson Lima Ribeiro e Paulo Katura e a inclusão de Taurino Araújo entre os presidentes do grupo. Acesso em: 15 set. 2026. [Ler a história do Grupo de Arte Canoatan](#)

JORNAL OSOLLO. *Nelson Cerqueira amplia a leitura da poesia de Taurino Araújo em tratado crítico sobre “A caturna”.* 24 ago. 2026. Registra as 48 páginas, 39 seções, duas partes, 96 versos e a conclusão de Nelson Cerqueira sobre a insuficiência das designações isoladas de poeta e pensador. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar o estudo sobre A caturna](#)

LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION — LASA. *Call for Panel Proposals / Chamada para Propostas de Painéis – LASA2027 in Mexico.* 18 ago. 2026. Convocatória da Seção Brasil assinada por Adam Joseph Shellhorse e Nelson Cerqueira, co-chairs, informando que o Congresso Internacional LASA2027 será realizado na Cidade do México, de 16 a 20 de junho de 2027, tendo a Universidad Nacional Autónoma de México — UNAM como instituição anfitriã. Acesso em: 15 set. 2026.

[Consultar a convocatória oficial da Seção Brasil da LASA](#)

LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION — LASA. *LASA2027 — Congress Venues.* Informa que o congresso será realizado na Universidad Nacional Autónoma de México — UNAM, com sessões na Unidad de Posgrado e na Facultad de Economía. Acesso em: 15 set. 2026.

[Consultar os locais oficiais da LASA2027 na UNAM](#)

LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION — LASA. *The LASA2027 call for papers is now open!* 1º jul. 2026. Registra as datas do congresso e caracteriza a LASA como a maior associação profissional mundial dedicada aos estudos latino-americanos, com mais de 13 mil membros. Acesso em: 15 set. 2026.

[Consultar a chamada oficial da LASA2027](#)

MATOS, Domingos. *A desigualdade é o germe da vida, diz Taurino Araújo em ato da Câmara de Itabuna.* O Trombone, 21 jun. 2019. Registra a realização da Sessão Especial em 17 de junho, no auditório do CISO, por autorização do Plenário da Câmara, e o debate em torno da *Hermenêutica da Desigualdade*. [Consultar a reportagem de O Trombone](#)

OLIVEIRA, Efigênia. *Taurino Araújo: poeta do direito e da vida.* Notícia Livre, 13 fev. 2020. Relato sobre a Sessão Especial da Câmara de Vereadores de Itabuna comemorativa do Cinquentenário de Taurino Araújo, realizada em 17 de junho de 2019, no auditório do Colégio Estadual Sesquicentenário — CISO, com debate sobre a *Hermenêutica da Desigualdade* e seus reflexos na Universidade e no ensino públicos e gratuitos. A autora registra o auditório lotado de jovens e a presença de professores e representantes da OAB, da Universidade Federal do Sul da Bahia — UFSB, da Defensoria Pública, do Núcleo Regional de Educação — NRE5 e de outros segmentos sociais. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar “Taurino Araújo: poeta do direito e da vida”](#)

OLIVEIRA, Larissa Saldanha. *A perspectiva museológica e pedagógica de José Valladares no Museu do Estado da Bahia (1939–1959).* 2021. 133 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Orientadora: Sidélia Santos Teixeira. [Dissertação no Repositório da UFBA](#)

PÁTRIA LATINA. *Hermenêutica da Desigualdade: uma epistemologia genuinamente brasileira conforme sonhou a Semana de Arte Moderna.* Estudo sobre o método realidade–dogmática–zetética–dogmática e a recepção epistemológica da obra. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar o estudo](#)

PÁGINA DE POLÍCIA. *Celebração dos 11 anos do título de Cidadão Benemérito João Mangabeira ao ubatense Taurino Araújo.* 2024. Registra a Secretaria de Administração de Ubatã em 1989, a juventude do secretário e a emancipação por seu pai para o exercício do cargo. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar a matéria](#)

PIRES, Waldir. *Waldir Pires saúda comendador Taurino Araújo.* Salvador, 12 set. 2011. 1 vídeo. YouTube. Disponível em: [YouTube — Waldir Pires saúda comendador Taurino Araújo](#). Acesso em: 15 set. 2026.

POLÍTICOS DO SUL DA BAHIA. *Itabuna: Hermenêutica da Desigualdade e seus reflexos na Universidade é tema de palestra em Sessão Especial da Câmara.* 12 jun. 2019. Registra previamente a Sessão Especial comemorativa do cinquentenário, marcada para 17 jun. 2019, às 8h30, no CISO, e o lançamento da segunda tiragem da obra. [Consultar a notícia de 12 de junho de 2019](#)

SOUZA, Licia Soares de. *Ode aos curitibanos: um jogo de signos e de significados na est(ética) de Taurino Araújo.* Jornal Grande Bahia, 22 jun. 2023. [Consultar o estudo de Licia Soares de Souza](#)

SOUZA, Sueli Maria de; BRANDÃO JÚNIOR, Josué de Souza; TUMISSA, Adriana dos Santos Souza et al. *Projeto/CISO — A Hermenêutica da Desigualdade de Taurino Araújo: inclusão e reflexos na Universidade e Ensino Públicos e Gratuitos.* Itabuna: Colégio Estadual Sesquicentenário — CISO, jun. 2019. Projeto educacional da Sessão Especial realizada em 17 jun. 2019; caracteriza a atividade como “comemoração científica do cinquentenário”. [Consultar o Projeto/CISO](#)

TRINDADE, Washington Luiz da. *Metáfrase ao Comendador Taurino Araújo.* Salvador, 12 set. 2011. Saudação enviada por ocasião da outorga da Medalha Thomé de Souza, lida no Plenário Cosme de Farias da Câmara Municipal de Salvador. Texto preservado pelo Internet Archive — Wayback Machine. Disponível em: https://web.archive.org/web/20150214180349/http://portaldoreconcavo.com.br/ultimas_noticias.php?codnoticia=819 . Acesso em: 22 set. 2026.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DA BAHIA — TJBA. *PJBA promove cerimônia de admissão de novos membros do IAB-BA e de outorga da medalha Desembargador Mário Augusto Albiani Alves.* Salvador, 11 out. 2022. Registra o **Instituto dos Advogados da Bahia** como instituição trisseccular e inclui **Taurino Araújo** entre “juristas da estirpe de **Ruy Barbosa, Teixeira de Freitas, Orlando Gomes, Agenor Sampaio Neto [e] Washigton Trindade**”. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar a matéria oficial do TJBA](#)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA. *Semana Nacional do Livro e da Biblioteca 2022 — Taurino Araújo.* Perfil acadêmico e registro de distinções institucionais. Acesso em: 15 set. 2026. [Consultar o perfil na UFSB](#)

UNITED NATIONS OFFICE AT GENEVA — UNOG LIBRARY. Registro bibliográfico de Taurino Araújo no catálogo da Biblioteca das Nações Unidas em Genebra. Doc. ID alma991002227668302391. Disponível em:

https://unog.primo.exlibrisgroup.com/discovery/fulldisplay?docid=alma991002227668302391&context=L&vid=41UNOG_INST:UNOG&lang=en&search_scope=Alma_UNOG&adaptor=Local%20Search%20Engine&tab=alma_unog&query=any,contains,Ara%C3%BAjo,%20Taurino&pcAvailability=false . Acesso em: 22 set. 2026.